

Um mês com muitos problemas para o Presidente

As duas últimas semanas deixaram o Palácio do Planalto em alfa. Tudo está dando certo. Na frente política, o Governo conquistou vitórias importantíssimas, aprovando em primeiro turno a reforma da Previdência na Câmara e a reforma administrativa no Senado. Na área econômica, as notícias são tranquilizadoras: a crise na Ásia parece ter amainado e o fluxo de dólares para o Brasil retomou um ritmo forte. Nova queda nas taxas de juros deve ser anunciada em breve pelo Banco Central, aliviando o sufoco de crédito e favorecendo o aumento da atividade econômica e da oferta de emprego. Num ano eleitoral, isso é música, divina música, para os ouvidos de um presidente da República que vai disputar um segundo mandato.

Mas, como a experiência mostra que Fernando Henrique é pródigo em desperdiçar seus melhores momentos e que, em seu governo, depois da bonança sempre vem a

tempestade, é bom acompanhar de perto a situação. Já, já o clima de oba-oba pode produzir uma bela trapalhada. Problemas pela frente é que não faltam.

O primeiro deles tem data marcada para assombrar o Governo: domingo, 8 de março. Nesse dia, a convenção do PMDB decide se o partido terá candidato próprio a presidente da República ou apoiará Fernando Henrique. É uma batalha crucial para o sucesso da reeleição. Se prevalecer no PMDB a tese da candidatura própria, Fernando Henrique não perderá apenas cerca de 9 minutos na propaganda gratuita na TV. Verá esvanecer-se à sua frente o cenário ideal para o sucesso da sua recandidatura: ele, montado num palanque com todos os partidos de centro e de direita, contra Lula, isolado à esquerda (Ciro

Gomes foge a esse esquema, mas ainda precisa provar que tem cacife para entrar na disputa principal).

Em tese, os governistas são maioria no partido e devem ganhar a convenção. Mas vão ter de parar de cometer besteiras, como a que fizeram ao espicaçar Itamar Franco, provocando-o para entrar no páreo. Há três semanas, tinham o controle da situação, Agora, estão tendo de suar a camisa para a vaca não ir para o brejo. A arrogância dá nisso. O segundo problema a ser enfrentado pelo Palácio do Planalto é o da votação dos destaques da reforma da Previdência, que deve

consumir as primeiras duas ou três semanas de março. Se o Governo, fiado na sua espetacular vitória da última quarta-feira, pensa que vai dar um passeio, está muito enganado. Em dois pontos decisivos – idade mínima para a aposentadoria e contribuição

mínima de 35 anos –, a briga será feia e a maioria governista pode ser ameaçada, um pouco pela mobilização da oposição, um pouco pela instabilidade do baixo clero governista. Se o Palácio do Planalto botar sapatos altos, vai levar um tombo.

Por último, há um terceiro problema a ser resolvido em março: a substituição dos ministros que vão se desincompatibilizar até 3 de abril para disputar mandatos eletivos. Reformas ministeriais são sempre operações delicadíssimas, ainda mais quando se realizam num ano eleitoral e fatiam o poder entre aliados que estarão se enfrentando na maioria dos estados. Uma mexida em falso e o doce pode desandar.

Por tudo isso, o Presidente deveria aproveitar o Carnaval para descansar bastante. Terá um mês duríssimo pela frente. Se passar incólume por este supermarço, a campanha lhe será mais leve e fácil. A menos, é claro, que uma borboleta bata as asas na bolsa de valores de Hong Kong e provoque um terremoto por aqui.

